UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
LICENCIATURA EM TEATRO

CLENES ALVES DA SILVA

NARRATIVA ORAL: A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO FUXICO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE XAPURI PARA A PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE ENSINO INFANTIL LATIFE ZAINE KALUME

Xapuri – Acre

2011

CLENES ALVES DA SILVA

NARRATIVA ORAL: A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO FUXICO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE XAPURI PARA A PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE ENSINO INFANTIL LATIFE ZAINE KALUME

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito básico para obtenção do título de Licenciado em Teatro, com Habilitação em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Ms. Fernando Martins

Xapuri – Acre

2011

Universidade de Brasília
Decanato de Ensino de Graduação – DEG
Curso de Licenciatura em Teatro EAD

CLENES ALVES DA SILVA

NARRATIVA ORAL: A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO FUXICO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE XAPURI PARA A PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE ENSINO INFANTIL LATIFE ZAINE KALUME

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, apresentado a UnB- Universidade de Brasília no Instituto de Artes, Departamento de Artes CÊNICAS como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Teatro, com nota final igual a MS sendo a orientação do professor Mestre Fernando Martins.

Xapuri-AC, 14 de dezembro de 2011.

Professora Doutora Alice Stefânia Curi

Professor Mestre César Lignelli

Dedico este trabalho a Dallyanna Lima (em memória), por compartilhar seus sonhos comigo, me deixando realizá-los.

AGRADECIMENTOS

As linhas são poucas para agradecer a todos que contribuíram para a realização de um sonho. Meus principais agradecimentos vão para:

Ao meu orientador, professor Ms. Fernando Martins, pela dedicação e sutileza em apontar caminhos, iluminando a escuridão;

Aos colegas do Curso de Teatro e a todos os professores e tutores responsáveis pelo Curso de Teatro da Universidade Aberta do Brasil através da Universidade de Brasília, que garantiram que chegássemos aqui nesse longo e nem sempre fácil percurso;

Aos profissionais do Pólo de Xapuri, pelo apoio durante todos esses anos, em momentos bons e ruins;

A minha mãe, maior incentivadora das horas difíceis que beiravam o desespero;

Aos colegas do Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri, pelos seus Contos & Recontos que me permitiram imprimi-los no meu Trabalho de Conclusão de Curso;

Aos professores e coordenação pedagógica da Escola Estadual de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume, pelo espaço sempre disponível e por acreditarem no trabalho proposto por mim e pelo Grupo Fuxico;

À minha avó Sebastiana Alves, conhecida como Nenzinha, por me contar histórias e me fazer apaixonar por elas – hoje conta suas histórias em outros céus.

A todos os citados – e muitos outros, contadores de histórias da vida – o meu muito obrigado!

“Muitas vezes certos adultos querem dar aula até no recreio, e isso as crianças sentem quando lhes oferecem histórias marcadamente educativas, repletas de bons princípios morais, mesmo que sejam pautadas por ideais modernos, como a tolerância e o respeito à natureza. Se esses princípios fizerem parte da vida do autor, provavelmente encontrarão eco em suas histórias e, por essa via, serão construídas as personagens boas e éticas com os quais elas gostam de se identificar, mas se elas farejarem que estão diante de um Cavalo de Tróia repleto de pedagogia, não terão dúvidas de incendiar o engodo.” (CORSO, 2006, p. 304)

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática da narrativa oral e sua importância dentro do universo da contação de histórias infantis, no contexto da educação formal. A aproximação do Grupo Fuxico de Contadores de História de Xapuri junto à Escola Estadual de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume motivou a realização de uma ampla reflexão a respeito da arte narrativa e da tradição oral que servirão como base deste trabalho. Como o Grupo Fuxico já trabalhava com a coleta de histórias narradas dentro dos seringais, surgiu a oportunidade de propor à coordenação da Escola Latife Zaine Kalume uma atuação conjunta, continuada. Tal necessidade surgiu após os Estágios Supervisionados em Teatro, observando-se que muitas histórias, assim como a metodologia do contador, podiam ser inseridas no contexto escolar, objetivando uma socialização entre professores e contadores que potencializariam a narrativa oral das histórias da região, fazendo um processo de resgate e de transmissão coletiva, transformando professores e alunos em multiplicadores. No presente contém um apanhado bibliográfico sobre narrativa oral, assim como a escrita e suas manifestações sobre a oralidade, além de um questionário aplicado para avaliar como os professores enxergavam o processo realizado no contexto da escola. O processo de socialização de metodologias de narração oral, através da contação de histórias é o foco do presente Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro da Universidade de Brasília.

Palavras-Chave: Narrativa Oral, Contador de Histórias, Cultura Oral.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Dados sobre a iniciativa 22

QUADRO 2: As histórias contadas 23

QUADRO 3: Primeira questão 26

QUADRO 4: Segunda questão 26

QUADRO 5: Terceira questão 27

QUADRO 6: Quarta questão 28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1. CAPÍTULO I : CULTURA ORAL E AS CARACTERÍSTICAS DOS NARRADORES ……..... 13

2. CAPÍTULO II : A ATUAÇÃO DO GRUPO FUXICO NA ESCOLA LATIFE ZAINE KALUME 20

2.1 AS HISTÓRIAS 23

3. CAPÍTULO III: QUESTIONÁRIO 26

CONSIDERAÇOES FINAIS 30

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS 33

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES..... 33

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso pretende fazer uma reflexão sobre a atuação do Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri na Escola de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume. Esse trabalho foi iniciado durante o período de Estágio Supervisionado em Teatro, em 2009, proporcionando uma interação e uma troca de experiências entre professores, contadores de histórias e alunos da referida instituição de ensino.

O Grupo Fuxico nasceu da necessidade de colher histórias das pessoas mais idosas que moram nas florestas do município de Xapuri, no Estado do Acre, e arredores – advindos dos mais diferentes lugares do Brasil e do mundo nos períodos áureos da borracha.

Esses idosos contavam suas histórias a filhos, netos e bisnetos, de uma forma peculiar, mesclando os causos trazidos de suas terras natais com as riquezas das matas amazônicas, criando o que chamamos de “histórias caboclas”, isto é, nascidas da mistura das histórias externas com os elementos regionais.

Nessas “histórias caboclas” cabem suas vivências nem sempre harmônicas com os animais da floresta, com a escassez de alimentos, com doenças regionais, com as lendas típicas das florestas, como o ‘caboclinho da mata’, o ‘mapinguari’, ‘matinta-pereira’ e muitos outros seres que povoavam o imaginário dos moradores da área rural de Xapuri e cidades vizinhas.

Ao se iniciar o processo de Estágio Supervisionado em Teatro junto à Escola Latife Zaine Kalume, como atividade relacionada ao Curso de Teatro da Universidade Aberta do Brasil através da Universidade de Brasília (UAB/UnB), foi possível registrar que os professores da instituição também se serviam da contação de histórias como meio de transmissão de saberes. No entanto, ao contrário das histórias locais, estas eram baseadas nos conhecimentos trazidos pela televisão, internet e da cultura de massa nascida dentro do âmbito do capitalismo.

Como o Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri havia nascido justamente para tentar resgatar e salvaguardar as histórias regionais, verificando

que muitas delas – senão todas – estavam se perdendo do imaginário das crianças da nova geração, portanto correndo o risco de desaparecer, tendo em vista que não há notícia de pesquisas ou projetos para fazer tal trabalho com a cultura popular local, propusemos à escola uma interação e troca de experiências.

Dessa forma, a coordenação do Grupo Fuxico e da Escola Latife Zaine Kalume fizeram algumas reuniões e elaboraram uma oficina em conjunto, que previa uma socialização não apenas das histórias mas das experiências de ambos. Assim, iniciaram as oficinas de contação de histórias, detalhadas mais adiante neste trabalho, que foram ficando cada vez mais frequentes para os alunos da escola.

A partir daí foi possível notar que muitas histórias, até então desconhecidas, passaram a tomar corpo e a se multiplicar através das crianças, que também se utilizavam da experiência natural humana de narrar histórias, para contar a outros e a outros. Como integrante do Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri sinto a necessidade de registrar, através do presente trabalho, a importância da atividade desenvolvida entre os professores da escola e os contadores de histórias do grupo.

Como instrumento de pesquisa - para registrar os efeitos dessa atividade - um questionário foi aplicado a todos os professores envolvidos no processo. O objetivo dessa ação era verificar a opinião desses professores, envolvidos diretamente com a oficina, para desenvolver argumentos que, mais adiante, pudessem servir como motivação para melhor compreendermos o nosso ofício e nossas dificuldades ou limitações.

Cabe destacar que as histórias contadas na oficina surgem de uma tradição exclusivamente oral, de forma que os mais velhos membros das comunidades são os responsáveis por transmitir esse conhecimento a seus filhos e netos. Dessa maneira, essas histórias atravessavam gerações sem nenhum vínculo com a escrita, estando assim, suscetíveis ao esquecimento e talvez por isso, também foram menos difundidas, uma vez que dependem de interlocutores e ouvintes.

Em Xapuri, a arte de contar histórias tem diminuído consideravelmente ao longo do tempo. Essas histórias, portanto, sobreviveram sem o auxílio direto de uma pesquisa mais aprofundada e já sofrem com a possibilidade de um esquecimento.

Sendo assim, o Grupo Fuxico de Contadores de Histórias surge como uma estratégia, não só de resgate, mas de difusão dessas histórias tão ricas e de indiscutível importância para a configuração da cultura e identidade local.

CAPÍTULO I

1. CULTURA ORAL E AS CARACTERÍSTICAS DOS NARRADORES

Histórias são contadas a cada dia, por diferentes pessoas, nas mais diferentes culturas, como forma de transmitir conhecimentos, valores, crenças, sonhos, tradições culturais de povos, transmitidos de geração a geração, mantendo viva a chama da arte de narrar.

Grande parte da cultura de um povo está intimamente ligada à arte de contar histórias, fato que nem sempre ganha um registro escrito, mas se perpetua, geração a geração, com a tendência humana de passar, oralmente, as mais diferentes histórias e saberes.

A riqueza cultural de tais histórias é incontestável, pois a identidade de quem conta está presente em cada história e se perpetua com o passar dos anos. A arte de contar histórias ultrapassa o simples ato de ser narrativa sem sentido ou simplesmente para alegrar – ou amedrontar – criancinhas. Mais que isso, é um momento produtivo para que as famílias afinem seus laços, socializando informações culturais de uma forma lúdica e peculiar – já que cada povo tem sua maneira de fazê-la.

A narrativa oral é importante porque propicia a transmissão cultural ao longo dos tempos, garantindo o fortalecimento da identidade de um povo. Essas histórias fantásticas são carregadas de valores, crenças, mitos, anseios e medos que perduram ao longo do tempo. A identidade de um povo está intrinsecamente ligada a sua narrativa e aos contatos interpessoais que estes estabelecem uns com os outros (do mesmo povo e entre diferentes povos), transmitindo cultura e agregando noções de coletividade.

Sendo assim, é possível estabelecer alguns parâmetros gerais que podem definir a tradição oral em diferentes culturas, uma vez que algumas características são compartilhadas por diferentes povos. Em princípio podemos destacar que a narrativa oral se estabelece através do contato interpessoal. Ou seja, se baseia no encontro entre indivíduos.

São tantos os valores sociais e até mesmo econômicos presentes no ato de narrar uma história, que se torna praticamente impossível imaginar um povo que não seja capaz de, através da coletividade, trocar experiências narrativas, importantíssimas para a sua perpetuação como grupo.

Muito se engana, também, quem pensa que contar histórias é um ato exclusivo daqueles que tem um dom, ou mesmo se profissionalizaram em tal área. Basta para isso ter tido experiências socializadas, porque quem conta uma história sempre adicionará à narração um jeito peculiar de contá-la. Não é uma arte de certo ou errado. É possível recorrer a Walter Benjamin para expandir essa questão. Segundo ele:

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Cada narrador, conforme indica Benjamim, coloca uma espécie de tempo a mais, dentro de objetivos por vezes claros do contador, trazendo a peculiaridade para dentro da história, deixando o que ele chama de “marca do narrador” ao contexto falado.

Da mesma forma, pode-se pensar que ao se contar uma história, mesmo que ouvida milhares de vezes e por milhares outras de pessoas, a mesma história será narrada imprimindo pormenores que não pertenciam à versão anterior. Isso quer dizer que a narração deixa em si mesma um espaço, uma brecha para que possa ser reformulada, descontruída ou reconstruída, a bel prazer de seu interlocutor. Para Benjamin, destacava-se um narrador:

> Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele. Ou melhor, esses traços aparecem, como um rosto humano ou um corpo de animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Uma experiência cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...]Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais (BENJAMIM,1994, p. 197).

Narrar uma história era um fato comum, que todos podiam compartilhar sem se prender a um determinado papel. Havia uma comunicação apoiada no papel da imaginação na experiência humana. Era uma ligação entre narrador e ouvinte, onde muitas vezes se confundiam os papéis. Isso porque quem ouvia a narração também se tornava um multiplicador, alguém que recontaria aquela história, à sua maneira, sem se preocupar se estaria fazendo um papel que não lhe cabia.

No entanto, há uma crescente preocupação da continuidade de se continuar encontrando narradores de histórias em cada sociedade. Narrar histórias está ficando um ato menos valorizado na atualidade, transformando tais narradores em seres únicos e escassos. De acordo com Benjamim explica tal fenômeno:

> Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis (BENJAMIM, 1994, p. 198).

Com as mudanças ocorridas em todas as sociedades, potencializadas nos dias atuais, há uma crescente dificuldade em encontrar histórias que relatem a riqueza cultural do ato de narrar. O ato de narrar uma história é decorrente da necessidade de transmitir o que foi contado por outros, constituindo, dessa forma, o fato de que experiências são compartilhadas de pessoa a pessoa, em uma fonte inesgotável de riqueza cultural.

Os narradores não necessitam ser famosos, ao contrário, podem ser anônimos, presentes em cada cultura, como elemento essencial para a constituição da transmissão de histórias. Cada narrador apresenta sua forma particularizada de contar suas histórias – o que são compartilhadas são as histórias, pois a forma de transmiti-las pode tão variada quanto o número de narradores que a contarem.

As histórias, em si, necessitam ter um porquê de ser, isto é, tem de apresentar objetivos – isso é cultural, a necessidade de ter um objetivo. Sobre a utilidade das histórias Benjamin esclarece que:

> Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis (BENJAMIM,1994, p. 200).

No entanto, há que se fazer uma distinção importante. Não se está querendo dizer, porém, que conselhos devem ser dados através das histórias narradas. Mas também não se pode dizer que não se faça tal ato dentro da narração. Ou seja, o propósito da narração de histórias é a própria história, os ensinamentos podem ocorrer, mas sempre serão variáveis. Cada um também recebe de forma peculiar a história narrada.

Como cada narrador imprime em sua história uma peculiaridade que dê característica ao que está sendo narrado, talvez more aí a necessidade de incluir esses valores por parte de seu locutor. Sobre isso, Benjamim diz que:

> Não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria (BENJAMIM, 1994, p. 200).

Uma das possíveis explicações para a arte de contar histórias estar diminuindo ao longo do tempo, segundo Benjamin é que a “sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção” (1994, p. 201). Isso não é uma exclusividade dos tempos modernos, mas de um longo processo de desconstrução das formas habituais de encarar o mundo e o lugar das pessoas nele.

Hoje se tem procurado o pilar da arte de contar histórias e podem até surgir diversas explicações, mas deve-se observar o que significa contar histórias – nesse ou em qualquer outro tempo. E ficamos com a explicação de Benjamim:

> Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. Assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIM, 1994, p. 205).

Quando se fala em resgate do valor de contar histórias é importante considerar o ouvinte, também como figura central nesse processo. A respeito do

papel do ouvinte, Benjamim esclarece que:

> Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama (BENJAMIM, 1994, p. 213).

Narrar ou ouvir alguém narrar uma história é diferente de ler uma história solitariamente, isolado do mundo. A narração traz em si mesma um encontro, que gera intimidade e depende da companhia do outro. A voz do narrador estabelece relações afetivas com a história e com as pessoas que a ouvem. De acordo com Paul Zumthor temos:

> O que se conhece por tradição oral de um grupo social é formado por um conjunto de intercâmbios orais ligado a comportamentos mais ou menos codificados, cuja finalidade básica é manter a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva sem as quais o indivíduo estaria abandonado à sua solidão, talvez ao desespero (ZUMTHOR, 1985, p.4).

Zumthor trás consigo a complexidade da voz, que se estende muito além do que a própria língua e sua forma de narrar. A voz é carregada de sentidos e complexidades que muito dizem sobre cada cidadão e sua própria identidade.

As narrações, feitas com o poder da voz, se apoderam da narração, que por sua vez é embebida nos conceitos individuais e coletivos dos povos, manifestando sentimentos, vivencias, sonhos, pensamentos, compartilhamentos, traduzido através da fala, chegando Zumthor (1985, p. 7) que:

> A voz, de fato, é mais que palavra. Sua função vai além de transmitir a língua. [...] não pode haver dúvida de que a voz é uma forma arquetípica no inconsciente humano, imagem primordial e criadora, energia e configuração de traços que predispõe as pessoas a certas experiências, sentimentos e pensamentos. (ZUMTHOR, 1985, p.7).

Mesmo reconhecendo que muito tem a oferecer, as histórias nem sempre permanecem vivas na memória de um povo.

Nesse aspecto, quanto mais as culturas são transmitidas através dos meios

tecnológicos mais surge a preocupação de se manter vivos os elementos necessários dos contadores de histórias de cada povo.

> É preciso reconhecer que não está se falando, aqui, de culturas distantes das que conhecemos, mas da nossa própria cultura – racional e ao mesmo tempo tecnológica – impregnada de tradições orais e sem elas dificilmente subsistiria, pois empresta, nesse caso, sua própria identidade – muito esclarecendo sobre um povo. (ZUMTHOR, 1985, p. 4)

A palavra, ganha um aspecto mais histórico quando se acredita que muito tem a contar sobre um povo e tudo que está presente através de simples narrações que pouco ou nada dizem das modernidades e suas tecnologias.

Zumthor acredita que muito da história de um povo, assim como sua identidade, é descrita dentro da narração como um todo, se tornando presente a partir do momento que é contada e recontada, com a ajuda da voz, para pessoas de gerações diferentes – de um mesmo povo ou de outro:

> Entretanto, um povo sem história é um aglomerado de gente sem identidade, que não sabe sobre seu passado e não compreende a forma de ver o mundo por ângulos específicos e particularizados – o que é outro fato preocupante, tendo em vista que a arte de contar histórias tem desaparecido, aos poucos, do campo de interesse de intelectuais, sendo cada vez menos objeto de estudo de seus trabalhos e se distanciando, com uma velocidade acelerada de nossa 'personalidade básica', sendo admitido como produto da arte da língua apenas aquilo que for escrito. (ZUMTHOR, 1985, p. 5)

Isto posto, Zumthor (1985, p. 4) diz ainda que *"[...]opõe-se dois tipos de civilização – a da cultura oral e da cultura escrita"*, sendo que a primeira é destinada ao consumo coletivo em forma de ação vocal e a última destinada ao consumo visual, em forma de livro.

A partir dessa distinção feita por Zumthor, é possível recorrer novamente às contribuições de Benjamim, a respeito da crescente preocupação sobre o enfraquecimento da narrativa oral ao longo do tempo. Benjamim indica algumas reflexões que podem orientar o raciocínio desse trabalho, tendo em vista que este caracteriza o surgimento do romance como fato primordial para o comprometimento da cultura oral. De acordo com ele temos:

> O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. (...) A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras

> formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los (BENJAMIM, 1994, p. 201).

Com a ligação entre o pensamento de Zumthor e Benjamim percebe-se que o romance pertence ao universo visual da escrita o que, conforme o primeiro, a escrita gera uma conduta mais burocrática, introspectiva e individualista, diferenciando-se da cultura oral e suas narrativas.

A partir dessas reflexões, o trabalho desempenhado pelo Grupo Fuxico assumiu outras dimensões. Para além de uma ação pedagógica junto à Escola Latife Zaine Kalume, essa discussão a respeito da narrativa sugere apontamentos políticos e filosóficos de extrema importância para o campo das artes.

É possível indicar que a arte de narrar histórias dificilmente sucumbirá aos apelos do mundo moderno e tecnológico, cedendo ao receio de desaparecer. De acordo com Jorge Luis Borges:

> Mas existe algo com a história, com a narrativa, que sempre estará presente. Não creio que um dia os homens se cansarão de contar ou ouvir histórias. E, se junto com o prazer de nos ser contada uma história, tivermos o prazer adicional da dignidade do verso, então algo grandioso terá acontecido. [...] Creio que o poeta haverá de ser, outra vez, um fazedor. Quero dizer, contará uma história e também a cantará. E não consideraremos diversas essas duas coisas (BORGES, 2000, p. 84).

Isto posto, cito que acredito no trabalho da contação de histórias de hoje sabendo do embate da escrita e da fala e penso que a cultura oral pode ser inserida no contexto contemporâneo, principalmente em escolas de Ensino Infantil, conforme destaco no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

2. A ATUAÇÃO DO GRUPO FUXICO NA ESCOLA LATIFE ZAINE KALUME

A Escola Estadual de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume está localizada na Rua Pio Nazário, Centro de Xapuri e é direcionada a crianças de 4 a 6 anos de idade. Abriga um total de 8 turmas, sendo quatro no período da manhã e mais quatro no período da tarde. A escola busca o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças matriculadas através da educação aplicada de forma interdisciplinar. As atividades buscam explorar o lado lúdico e criativo com jogos, brincadeiras educativas e também através de contação de histórias.

O Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri é um Grupo composto por 6 pessoas, praticantes de Teatro que se servem da narrativa como instrumento principal de seus trabalhos. O grupo iniciou seus trabalhos em 2008, com o objetivo de resgatar e salvaguardar as histórias das pessoas idosas do município e arredores, que vieram para a Amazônia no período áureo da borracha. Eram os chamados ‘soldados da borracha’, advindos de diversos lugares do Brasil e do mundo, trazendo consigo toda a bagagem cultural de seus locais de origem.

Com a vinda dessas pessoas para as áreas de coleta de látex, muitos trouxeram histórias, que faziam questão de contar a seus filhos, netos e bisnetos no final de cada tarde, muitas vezes com luzes de lamparina, mas com muita empolgação. Tais histórias não eram apenas ouvidas, mas alardeadas pelos filhos, que as recontavam em um processo infinito, passado de geração para geração.

As histórias aqui contadas traziam vivências, sofrimentos, pelejas, causos, lendas, crenças, sendo misturadas às histórias do lugar que chegaram, criando as chamadas ‘histórias caboclas’, que ganhavam nova roupagem e novos personagens.

Dentre as mais conhecidas estão as lendas do mapinguari, do caboclinho da mata, dos macacos falantes e zombeteiros, da matinta-pereira e rasga mortalha, das riquezas em botijas, entre muitas outras que povoam o universo dos povos da floresta.

Essas e outras histórias foram coletadas pelo Grupo Fuxico, nos arredores de Xapuri, no Estado do Acre, resgatando um pouco da cultura local. Tal iniciativa surgiu porque as crianças xapurienses, assim como as de muitos outros lugares, eram submetidas ao contato intenso com a cultura de massa e midiática, sendo as

histórias locais esquecidas ou relegadas a pequenos espectadores.

O contato com a escola, porém, iniciou-se a cerca de dois anos atrás, quando começaram os estágios supervisionados em Teatro, onde foi possível realizar um trabalho dentro da Escola Latife Zaine Kalume, baseado nas histórias regionais, colhidas nos seringais dos arredores de Xapuri.

Dentro do processo de estágio, onde havia também a observação do trabalho dos professores, pude perceber que lá também se contavam histórias para as crianças. No entanto, esse trabalho de contação ocorria justamente dentro dos temores abordados pelos objetivos do Grupo ao qual pertenço: das histórias contadas nenhuma correspondia a nossa realidade. O trabalho desempenhado pelos professores da escola estava baseado em histórias como ‘Chapeuzinho Vermelho’, ‘Cinderela’ entre outros contos que pouco ou nada diziam sobre a realidade local.

O que observei me fez pensar que poderia haver um espaço para se fazer um grande trabalho na Escola, desde que a coordenação permitisse e os professores aderissem à ideia. Marcamos uma reunião com a coordenação e apresentamos a ideia de fazer uma oficina para a socialização das histórias. Nesse espaço os professores da escola poderiam nos ensinar a parte mais pedagógica de estar em sala de aula com crianças de tão pouca idade. O grupo Fuxico ficaria responsável pela realização de exercícios teatrais que pudessem ser utilizados pelos professores em seu ofício como narradores, além de oferecer um amplo contato com histórias regionais que fazem parte do repertório do grupo.

Dessa maneira, sabendo-se que os professores da Escola Estadual de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume trabalham dentro de um roteiro pré-estabelecido pela instituição, em que encaixam várias formas de ensinar e diversificar o ensino, tendo na contação de histórias um importante aliado no processo lúdico de ensino-aprendizagem, procurou-se fazer uma espécie de ligação entre o Grupo Fuxico e os professores da referida escola.

Assim, montamos uma oficina em conjunto com os professores, que inicialmente acontecia a cada 15 dias, depois a cada final de semana, até que fomos verificar como estava a receptividade dos alunos e todos demonstravam estar gostando ainda mais das histórias dentro da sala de aula.

Artistas e professores estavam contando histórias juntos para uma enorme quantidade de alunos e todos pareciam estar gostando do que faziam – assumindo a função de narrador ou como ouvinte das histórias. Abaixo, relaciono alguns dados

sobre o trabalho realizado:

QUADRO 1: Dados sobre a iniciativa

Quem participa da iniciativa	
As oficinas de socialização das técnicas de contação de histórias entre professores e artistas conta com as seguintes pessoas:	
Grupo Fuxico	**Formação**
Clenes Guerreiro	Graduando em Teatro pela UAB/UnB – ator e contador de histórias do Grupo Fuxico;
Clemilsa Alves	Acadêmica de Teatro pela UAB/UnB – atriz e contadora de histórias do Grupo Fuxico;
Jociclei Almeida	Acadêmico de Teatro pela UAB/UnB – Ator e contador de histórias do Grupo Fuxico;
Álder Járede D'Ávila	Acadêmico de Tecnologia em Meio Ambiente pelo IFAC – Música e contador de histórias do Grupo Fuxico;
Michele Telles	Ensino Médio completo – Atriz, contadora e dançarina do Grupo Fuxico;
Manoel Júnior	Cursando o Ensino Médio – Contrarregra, músico e sonoplasta do Grupo Fuxico.
Professoras	***Formação***
Quatro professoras no turno da manhã	Três formadas em Pedagogia (UFAC); Uma em Letras (UFAC)
Quatro professoras no turno da tarde	Duas em Pedagogia (UFAC); Duas em Letras (UFAC)

O objetivo do trabalho é fazer com que a narrativa não morra entre aqueles que podem fazer dessa atividade um meio de transmissão de conhecimento, valores e identidade, além de fortalecer as relações entre os indivíduos participantes dessa

prática. Obviamente, através desse trabalho o Grupo Fuxico pretende garantir que os mais jovens tenham acesso a essa riqueza imaterial de um povo idoso e que está indo embora sem que ninguém registre tais tesouros.

Dessa maneira podemos garantir que os professores, ao desempenharem a contação de histórias para as crianças, formem e estimulem novos multiplicadores, cada vez de menor idade, que no futuro poderão espalhar e fortalecer essa tradição, elementar e tão ligada à nossa singularidade como povo. Isso tudo para que a nossa identidade amazônica não se perca ao longo do tempo, se tornando cada vez mais presente na vida de cada um, não deixando se perder a narrativa e as histórias que nos definem como povo.

2.1 AS HISTÓRIAS

As histórias resgatadas pelo Grupo Fuxico dizem respeito às vivências, crenças, valores, sofrimentos, causos, lendas do povo que veio morar nos estados amazônicos, principalmente no Acre. Com o passar do tempo, essas experiências foram se misturando com as histórias daqui, resultando em inúmeras histórias que fazem parte do nosso repertório de atuação.

No sentido de aproximar o leitor desse trabalho às características dessas fábulas, destaco, logo em seguida, algumas observações a respeito daquelas histórias que mais despertam a curiosidade do público que já teve contato com o nosso trabalho.

QUADRO 2: As histórias contadas

História (Fragmento)	Sobre a história
Macaco Chico: Macaco (cantando): “Ai João Jiló, tira o coro devagar, porque dói, dói, dói... João Jiló, não seja ruim comigo, eu tenho uma dúzia de filhos para criar...” João: “Pensasse nisso antes de roubar as minhas bananas,	Essa é uma das histórias mais conhecidas na nossa região, sendo relatada para nossa equipe em quase todos os seringais que fomos, contada de uma forma muito engraçada e cheia de caras e bocas pelos mais idosos. Essa história era contada

macaco danado.”	inicialmente por apenas uma pessoa, mas com o tempo sentimos a necessidade de incluir mais um contador, pra ficar o mais teatral possível. Da mesma maneira, a história é conhecida em diferentes versões Brasil afora, mostrando o poder da narrativa e a riqueza cultural que atravessa e desafia os limites geográficos.
Tia Maroca: Tia Maroca fez doce de coco e foi logo esconder, tia, tia, dá um pouquinho pra mim. E quando a tia dormiu o menino saiu devagar, procurando pela casa a cumbuca de doce de leite, mas sem muito sucesso. Esperto como ele só, foi sentindo através do cheiro, que descobriu que o doce estava embaixo do fogão, escondidinho. Ia chegando, devagar, quase enfiando o dedo para provar quando quem chega? A tia Maroca.	Quando a história da tia Maroca é contada as crianças geralmente fazem junto com o contador todos os gestos pedidos durante a história, representando que entendem e gostam da ação da verdadeira loucura do menino pelo doce de leite da venda da tia. A parte que o menino chora talvez seja a mais engraçada, porque as crianças imita até o passar a mão no bumbum após apanhar da tia Maroca – os professores também demonstram gostar bastante de conta-la.
Cri-cri-cri: Cri-cri-cri estou em minha casa Cri-cri-cri não quero mais sair Cri-cri-cri estou em minha casa	Essa história vira um verdadeiro rebuliço, porque as crianças decoram os nomes dos animais e querem repetir junto com o contador de histórias, imitando cada animal e repetindo um a um quando, ao final de uma apresentação, pedimos para alguém

Ninguém me tira daqui Após ouvir aquele barulho cantante todos os animais saíram correndo, mortos de medo, floresta a fora: jabuti, cutia, anta, bicho-preguiça, porquinho do mato, todos, todos achando que era uma visagem.	recontar a história. Nos seringais, dependendo para qual localidade vamos pesquisar, eles incluem mais um trecho de história ou mesmo mais animais no roteiro já extenso de bichos. Os professores também parecem se sentir à vontade para contar essa história em sala de aula para os alunos, pois muitos que aprenderam nas oficinas ficam contando-as até mesmo para os seus filhos.
Chapelão de Palha: O menino caminhava pela floresta com aquele seu chapéu enorme quando de repente aparece o abominável monstro do pé chulezento, que na verdade era um cachorro do mato, para lhe perguntar: O que você está fazendo aqui, ein menino, não sabe que se andar sozinho pela mata o caboclinho da mata de prende e te transforma em árvore? O menino ouvindo aquilo começou a chorar, buá, buá, bué, buí, buó, buuuuuu, foram lágrimas para tudo quanto é lado, que o abominável monstro do pé chulezento até pena teve. ‘Espera, vou chamar a mãe da mata para te levar em casa, mas para de chorar...’	Nessa história as crianças brincam que é um lobo, em analogia com as histórias que já ouvem desde sempre. O mais interessante nessa história é que dizem que o Chapelão de Palha é o primo da Chapeuzinho Vermelho. Não conseguimos descobrir a origem de tal história contada desde sempre – e estranhamente essa é uma história conhecida pela maioria dos alunos, desde as primeiras vezes que foi contada.

CAPÍTULO III

3. QUESTIONÁRIO

Para verificar a opinião sobre a atuação do Grupo Fuxico de Contadores de Histórias de Xapuri na Escola Estadual de Ensino Infantil Latife Zaine Kalume, foi elaborado um questionário, em anexo, aplicado junto aos professores para verificar a eficácia do trabalho e, ao mesmo tempo, que pudesse apontar possíveis falhas ou fragilidades. O questionário foi aplicado para 8 professoras, 1 coordenadora pedagógica e 1 coordenadora geral (diretora). A seguir, um quadro com a relação das respostas obtidas nessa coleta de dados:

QUADRO 3: Primeira questão

Pergunta	Resposta
Na sua opinião a atuação do Grupo Fuxico na Escola Latife Zaine Kalume contribuiu com alguma melhoria na relação entre ensino e aprendizado?	Para a primeira pergunta, 100% das entrevistadas escolheram a resposta “Sim, bastante”, considerando como relevante a atuação do Grupo Fuxico para o processo de ensino e aprendizagem na Escola.

A resposta a essa pergunta representa o alcance do trabalho do Grupo Fuxico na Escola Latife Zaine Kalume, fazendo com que a contação de histórias regionais melhore a qualidade no processo de Ensino e Aprendizagem junto aos alunos. A narração de histórias se constitui como importante instrumento de trabalho pedagógico, podendo ser usado de diferentes formas pelos professores em sala de aula.

QUADRO 4: Segunda questão

Pergunta	Resposta
Considerando o trabalho desempenhado	Nessa questão, 80% das entrevistadas

pelo Grupo Fuxico na Escola Latife Zaine Kalume, assinale a habilidade que, na sua opinião, foi melhor desenvolvida. Escolha apenas uma alternativa.	escolheram a reposta “Transdiciplinaridade (atravessamento de diversas linguagens artísticas)”, reconhecendo no trabalho do Grupo um importante aliado para o processo desenvolvido na Escola, incentivando – e trabalhando – outras linguagens na Educação Infantil. 20% escolheu a opção “Afetividade entre os participantes (professoras e alunos)”, interpretado como auxiliar no relacionamento amistoso dentro da sala de aula.

A resposta a essa questão gerou certo espanto, uma vez que possibilidade de respostas era mais variada para esta questão. Obviamente, para além do resgate da memória local ou da relação com a identidade cultural do povoado, as questões relacionadas à transdiciplinaridade parecem oferecer um vasto campo de ação para os professores, que localizam esse fator à frente, inclusive, das possibilidades de estabelecer laços de afetividade com os participantes.

QUADRO 5: Terceira questão

Pergunta	**Resposta**
Do repertório de histórias populares contadas pelo Grupo Fuxico, qual delas mais marcou a experiência dos alunos e professores? Qual história despertou maior interesse? Marque apenas uma alternativa.	Essa questão foi a que mais teve respostas diversificadas, pois 40% escolheram a história “Macaco Chico” como a que mais despertou o interesse dos alunos – e eu interpreto como das professoras também - , 20% escolheram “Tia Maroca”, 20% “Cri-cri-cri” e 20%

	“Chapelão de Palha”, que nem constava na lista de opções.

Conforme citado anteriormente, as histórias são as principais histórias:

O ‘Macaco Chico’ conta as peripécias de uma animalzinho que rouba as bananas do roçado de João Jiló e esperto como é causa muita confusão e risadas das crianças.

‘Tia Maroca’, por sua vez, é a história do menino que adorava o doce de leite da tia, fazendo de tudo para comer as guloseimas, se mostrando uma criança levada e também muito divertida, na qual os pequenos espectadores demonstram se interessar bastante.

‘Cri-cri-cri’ conta uma verdadeira revolução dos bichos, abusando dos sons emitidos pelos pequenos seres viventes da floresta, com muita música e animação, também muito apreciada pelas crianças.

‘Chapelão de Palha’ seria, no modo de contar das crianças, o primo da Chapeuzinho Vermelho, se assemelhando em sua história, mas ganhando particularidades regionais.

Todas essas histórias trazem por meio do universo infantil os personagens presentes no imaginário amazônico, agradando não apenas crianças, mas também os adultos envolvidos. Essa é uma das respostas que não surpreende, pois todos gostam muito da história do “Macaco Chico”. Essa constatação já se evidenciava nas oficinas e apresentações através de reações muito calorosas.

QUADRO 6: Quarta questão

Pergunta	**Resposta**
Como o trabalho do Grupo Fuxico pode ser aperfeiçoado? Do seu ponto de vista, o que pode ser melhorado para que as	Nessa questão 80% das professoras escolheram a opção “O tempo de atuação do grupo junto à Escola é muito

atividades tenham melhor aproveitamento?	pequeno", demonstrando que as professoras gostariam que o trabalho do Grupo Fuxico fosse mais constante dentro da Escola. Enquanto que 20% diz que "O espaço físico da Escola não é adequado para o desenvolvimento das atividades", demonstrando que tais professoras gostariam que o trabalho fosse realizado também em espaços mais específicos ou mesmo não apenas dentro da escola.

Essa questão contempla o que as professoras sempre nos dizem: que gostariam que passássemos mais tempo junto a elas e às crianças, pois é notável o desenvolvimento dos alunos e dos próprios professores. Essas são experiências marcantes que muito dizem respeito ao Grupo Fuxico e seu trabalho de atuação na arte educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei o Curso de Teatro tive a oportunidade de ter acesso a muitas informações que, não imaginava tamanha intensidade, fariam toda a diferença na minha acadêmica e profissional.

Meus conhecimentos estavam ligados à parte prática e eram superficialmente embasados na teoria de alguns pensadores e estudiosos da área teatral – o que me proporcionou o desejo e a necessidade de buscar novos embasamentos que me fizessem trilhar por diferentes caminhos.

Nesse ínterim, juntando os conhecimentos, anseios e sonhos – conhecendo a realidade local e pensando nas mudanças que podemos ajudar a promover através da Arte – fui um dos fundadores do Grupo Fuxico, o que me fez procurar por mais informações sobre uma área mais específica da Arte Cênica: a narração de histórias.

Dessa maneira, iniciamos um longo trabalho com pesquisa das histórias que povoavam as narrativas dos moradores das florestas. Isso obviamente ainda era muito pequeno, tendo em vista as diversas ramificações que o narrar uma história e escrevê-la ganhavam suas diferenças, fazendo com que minhas dúvidas ganhassem cada vez mais forças.

Isto posto, durante o Estágio Supervisionado em Teatro tive a oportunidade de verificar como a minha prática, já mais engajada com uma teoria mais lapidada, podiam contribuir para a prática artístico-pedagógica dos professores da Escola Latife Zaine Kalume. Foi nesse espaço, primeiramente observando os professores e suas aulas de Artes, que vi a contação de histórias e como se diferenciavam das que pesquisávamos dentro dos seringais da região. Assim, na minha prática, intervenção necessária para a conclusão do Estágio Supervisionado, propus à coordenação uma interação entre professores e contadores do Grupo Fuxico, onde metodologias pudessem ser socializadas, onde as crianças eram as maiores beneficiadas, potencializando suas aprendizagens, seu desenvolvimento cognitivo, além das benesses advindas do teatro, por meio da arte da contação, de narrar histórias, recebendo-as para, conforme se previa, compartilhá-las com outros.

Isto posto, oficinas foram organizadas e aplicadas junto aos professores e coordenação pedagógica, onde os professores puderam socializar metodologia com os contadores, aplicando em sala de aula, levando aos alunos uma maneira diferenciada de narrar histórias – e levando as histórias que ainda são contadas em nossos seringais.

As crianças compartilhavam, assim, as histórias ouvidas e levavam para outras crianças, para os pais, parentes e amigos, ampliando o ato de contar histórias, multiplicando o trabalho compartilhado entre professores e contadores.

Dessa forma, utilizei o trabalho que se ampliou dentro do próprio Curso de Teatro, para ampliar a minha pesquisa e condensar em meu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo a oportunidade de conhecer grandes estudiosos que escreveram sobre a narrativa – e como esta é importante para a cultura dos povos, transmitindo sua forma de pensar, ver o mundo, se comportar, demonstrar e caracterizar sua identidade – de forma coletiva e oral, como ler e aprender sobre outros que destacam o surgimento da escrita, sua forma sistematizada, com preocupação em como se apresenta, metodicamente organizada, reconhecendo a individualidade de sua representação.

Com o contato com essa bibliografia tive a oportunidade de conhecer diferentes pontos de vista e reconhecer a importância de ambas as formas – oral e escrita – mas me dando a oportunidade de me aprofundar mais na oralidade, na narração, que é o foco do presente Trabalho.

Reconhecemos, assim, que através da atuação junto ao Grupo Fuxico, que com a narração nos damos ao direito de viajar nos devaneios, embasados na tradição oral dos povos por nós conhecidos, nossos familiares, pessoas que vivem nas nossas matas. A narração não tem a necessidade dessa comprovação imediata, como a escrita, nem o caráter descartável de muitos periódicos.

Mas é pensando nessas ideias que imaginamos se conseguimos ou não traçar nossos objetivos juntos à Escola Latife Zaine Kalume. Através do questionário aplicado, acredito que conforme dizem os números decorrentes das respostas, também fazemos parte de algo bem maior, de um contexto mais pedagógico, possivelmente.

Acredito que uma das formas de se conhecer um povo é através de sua história, que se caracteriza por livros ou, como é o caso de muitos dos povos daqui, principalmente indígenas e ribeirinhos, que tem muitas histórias para contar – mesmo que cada um do povoado conte a sua versão.

O que é bom na narração é perceber que não há a necessidade de saber ler ou escrever para narrar algo. Basta ter a capacidade de querer e imprimir em cada narração um pouco de si. Acredito que com o presente trabalho consegui a difícil tarefa de encontrar um elo superior ao que via no trabalho realizado entre o Grupo Fuxico e a Escola Latife Zaine Kalume – o de fazer com que o ato de narrar uma história não morra com a ação do tempo, como muitos previam.

E desfecho de Trabalho de Conclusão de Curso é motivado pela esperança presente nas palavras de Borges, que não acredita que o ato de narrar morra um dia – porque sempre haverá guerreiros para contar histórias e aprendizes de guerreiros para ouvi-las e um dia recontá-las. E mesmo quando parecer que a narração morreu sempre haverá uma fagulha para acendê-la. Eu creio!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo. Ed. Editora Nacional, 1977.

ZUMTHOR, Paul. **A Permanência da Voz**, O Correio, pp. 04-08. Rio de Janeiro, Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, ano 13, Nº 10, outubro 1985.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices.** 5ª Ed. São Paulo; Scipione, 1997;

COELHO, Betty. **Contar Histórias. Uma Arte Sem Idade.** São Paulo Ática, 1986;

CORSO, D. e M. **Fadas no Divã : Psicanálise nas Histórias Infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006;

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil. Teoria e Prática.** 18º edição. São Paulo; Ática, 1999. Série Educação;

DUMONT, José et al. **Narradores de Javé.** [Filme-vídeo]. Produção de Vânia Catani e Bananeira Filmes, Direção de Eliane Caffé, Brasil, 2003.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PALO, Maria Jose. OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil.** Voz de Criança: 2º edição. São Paulo. Ática Série Princípios 1992;

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992

TONUCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.